

Recebido em: 14/05/2021
Aprovado em: 13/09/2021
Publicado em: 22/10/2021

O OLHAR E O OUTRO
diálogo entre Lacan e Merleau-Ponty

THE GAZE AND THE OTHER
dialogue between Lacan and Merleau-Ponty

Josiana Hadlich de Oliveira¹
(josianah.deoliveira@gmail.com)

Resumo: Sabe-se que a Fenomenologia, desde seu início, conversa com a Psicanálise no intuito de pôr em pauta a discussão dos conceitos e das críticas direcionadas à mesma. Merleau-Ponty está inserido nesse contexto de aproximação entre ambas, tanto que seu último livro influenciou o pensamento de Lacan. Na sua ontologia do sensível, o tecido carnal faz uma comunhão do corpo com o mundo, e é onde o vidente se depara com outro olhar que não é o seu. O Outro causa uma fissão na Carne merleau-pontyana, apresenta-se como outro vidente, retira a soberania do Eu, mas vai desembocar em Lacan na afirmação do Real sem prejuízo do registro simbólico-imaginário.

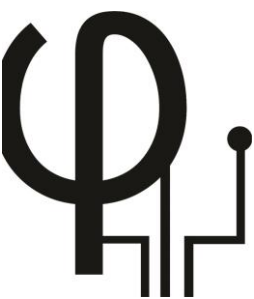
Palavras-chave: Olhar. Corpo. Outro. Imaginário. Subjetividade.

Abstract: It is known that Phenomenology, since its beginning, dialogues with Psychoanalysis to bring up the discussion of the concepts and criticisms directed against it. Merleau-Ponty is inserted in this context of approximation between both disciplines, so much that his latest book influenced Lacan's thinking. In his ontology of the sensible, the carnal tissue makes a communion of the body with the world, where the seer is faced with another gaze that is not his own. The Other causes a fission in Merleau-Ponty's Flesh. It presents itself as another seer, removes the sovereignty of the Self and, in Lacan, takes the form of an affirmation of the Real, with no detriment to the symbolic-imaginary register.

Keywords: Gaze. Body. Other. Imaginary. Subjectivity.

Não é novidade as interpretações das relações existentes entre o pensamento de Maurice Merleau-Ponty e o de Jacques Lacan. Ambos pertenceram à mesma esfera francesa do século XX e desenvolveram questões teóricas semelhantes. Merleau-Ponty, principalmente em sua obra doutoral *Phénoménologie de la perception*, discutiu com a psicanálise e com as críticas à psicologia clássica. Lacan valeu-se de alguns conceitos do amigo para desenvolver seu trabalho

¹ Doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Tem sua pesquisa voltada para a corporeidade, a sensibilidade e o invisível em Merleau-Ponty. Possui graduação em Filosofia (UFSM - 2011), mestrado em Filosofia (UFSM - 2013) na área de Fenomenologia.
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6524492305985941>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0471-963X>.



como psicanalista e encontrou nas formulações de Merleau-Ponty uma alternativa para o Real introduzido pelo olhar estrangeiro, sem precisar que o eu renuncie aos seus vínculos simbólico-imaginários. Essa influência merleau-pontyana toma forma quando no *Le séminaire XI: Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*, Lacan (1964/1998b) dedica sua atenção ao livro póstumo e inacabado *Le visible et l'invisible* (1964) de Merleau-Ponty e, sem perder de vista sua herança freudiana, traz a discussão sobre o olhar entendido como um objeto da pulsão, como uma versão do objeto “a” que diz respeito à categoria do real.

Quando trata da experiência ontológica do sensível nos horizontes invisíveis e abertos, Merleau-Ponty (1964) vislumbra o aparecimento do olhar do outro e da passividade do sujeito diante deste. O olhar estrangeiro se impõe e se doa independentemente da associação do eu ao outro. Tal imposição não significa uma colocação harmoniosa da presença do olhar, não traz necessariamente uma satisfação ao sujeito, mas poderá indicar desconforto e estranhamento diante da invisibilidade que todo visível carrega. Essas alegações sinalizaram, para Lacan, uma outra forma de abordar o real sem que haja conflito e ruptura com a barreira simbólico-imaginária, como havia sido pensando até então.

Não por acaso, o psicanalista descobriu no fenomenólogo uma nova maneira de descrever o encontro com o real pulsional. Para Merleau-Ponty, o estranho não precisa ser buscado, como se precisássemos abrir uma fenda na realidade simbólico-imaginária, pois o real pulsional denunciado pelo olhar estranho do vidente que não é o eu, apresenta-se por si mesmo, inesperadamente, colocando o ser em situação na qual seu aparato histórico e social se torna contingente.

Levando em consideração todas essas colocações, indagamos acerca do olhar estrangeiro que invade o campo sensível do eu e firma uma alteridade radical. Como podemos pensar sobre o outro enquanto consciência constituinte, se o eu o reduz a algo impessoal? Seria o *chiasme* interior-exterior, próprio-impróprio, eu-outro, visível-invisível o campo fértil para o entendimento intersubjetivo? Merleau-Ponty (1964) não nega essa possibilidade. Não obstante, certos fenômenos de estranhamento ou familiaridade entre o eu e o outro são tardios, já que ocorrem na passagem da infância à vida adulta. No entanto, Lacan (1949/1998a) põe a constituição de si e do outro como vinculadas ao processo do “estádio de espelho”, no qual a transformação do bebê se dá mediante a sua identificação com sua imagem especular, assim retomando a ideia da luta do reconhecimento hegeliana que Merleau-Ponty atribui ao adulto.

Neste artigo, será explicitada a experiência da visibilidade e do olhar na ontologia da Carne em Merleau-Ponty (1945/1972 e 1964) para, então, chegarmos aos debates lacanianos acerca de tais temas e suas contribuições psicanalíticas. Por fim, pensaremos



como a intersubjetividade se estrutura a partir do encontro entre o vidente que sou e o olhar estranho como outro vidente e suas possíveis consequências e contribuições para a constituição do eu.

1 O VIDENTE E O VISÍVEL EM MERLEAU-PONTY

Através de toda obra de Merleau-Ponty, as referências à psicanálise são contínuas. Desde sua análise do freudismo na *La structure du comportement* (1942/1967), passando pela reflexão sobre o corpo na *Phénoménologie de la perception* (1945/1972) até nas notas do *Le visible et l'invisible* (1964), vários conceitos psicanalíticos são usados, inclusive em suas aulas na Sorbonne publicados entre os anos de 1949 a 1962. No entanto, nossa abordagem se dará mais especificamente sobre o tema da visibilidade, trazido em seu último livro, e algumas considerações acerca do corpo e do outro, apresentadas em sua fenomenologia da percepção, justamente por haver neles elementos que influenciaram o pensamento de Lacan.

Em *Le visible et l'invisible* (1964), Merleau-Ponty insiste na elucidação do pacto estabelecido entre o corpo e o mundo, pacto que é pré-tético, anterior a qualquer ato da consciência, e que revela a visão como aquela pela qual podemos penetrar nas coisas e como estas penetram em nós ao serem vistas. Esse tecido comum, esse meio formador da relação sujeito e objeto, é a Carne enquanto elemento concreto de uma “maneira de ser”² (1964, p. 191). Mesmo fazendo referência aos elementos dos pré-socráticos para fugir das ideias prontas da tradição, Merleau-Ponty (1964, p. 181) não deixa a Carne ser confundida com a matéria, com o espírito ou com a substância, mas a faz ser entendida como aquilo que promove uma deiscência³, ou seja, a abertura ou experiência de fissão que oferece uma diferenciação como espécie de “cristalização momentânea da visibilidade” (MERLEAU-PONTY, 1964, p. 173), uma aparição do ser como visível e vidente, sustentado por um invisível no horizonte carnal. Nessa ontologia da Carne, ocorre a reabilitação do sensível, o que é visto e o que vê estão unidos por algo primordial, e seu encontro se dá através do entrelaçamento, pelo entrecruzamento entre o sensível e o senciente, o visível e o invisível. Desse modo, o mundo, as coisas visíveis, não se encontram diante de mim, não estão como objeto frente a um sujeito. O eu enquanto corpo

² Todas as traduções de obras originais foram feitas pela autora.

³ Deiscência é um termo originário da botânica que indica a abertura de um órgão que atinge a maturação. Merleau-Ponty o reinterpreta e remete a uma nova compreensão do termo nos moldes da sua ontologia da carne, manifestando o movimento de abertura do sensível.



vivido está, antes de tudo, envolvido com elas – enquanto *quiasma* –, preso em seu tecido, do qual também sou constituído corporalmente. A Carne, ao mesmo tempo que promove o visível e o doa à visão como imagem, oculta o invisível em sua profundidade, realizando o *quiasma* como um movimento de emergência e imergência (CHAUÍ, 2002, p. 155).

Ademais, a noção de Carne abarca uma nova maneira de conceber o corpo, uma vez que ela é a malha comum do eu e do mundo, não conserva as fronteiras entre o lugar que habitamos e aquilo de que somos feitos. O corpo sendo o sensível provido de visão, sente o que está fora de si, ao mesmo tempo em que é um visível que compõe o mundo. Merleau-Ponty (1964), então, propõe um ser de indivisão denominado Ser Bruto, enquanto totalidade prévia que não é lapidada pela reflexão. De acordo com Marilena Chauí:

O Ser Bruto não é uma positividade substancial idêntica a si mesma e sim pura diferença interna de que o sensível, a linguagem e o inteligível são dimensões simultâneas e entrecruzadas [...] não é também um negativo, mas aquilo que, por dentro, permite a positividade de um visível, de um dizível, de um pensável, como a nervura secreta que sustenta e conserva unidas as partes de uma folha [...] é o invisível que faz ver porque sustenta por dentro o visível [...] o Ser Bruto é a distância interna entre um visível e outro que é o seu invisível. (CHAUÍ, 2002, pp. 153-154)

Assim, o Ser Bruto envolve uma totalidade complexa composta por: eu, outro, percepção, historicidade, cultura, temporalidade. Instaurando um campo originário, apresenta-se como um *a priori* que correlaciona vidente-visível, fazendo brotar o sentido na experiência como fissão, ao gerar o visível a partir de um tecido invisível. Tal invisibilidade no próprio bojo do visível será entendida por Lacan como o objeto “a”, que seria um campo de experiência subjetiva que se dá aquém das imagens. Obras de arte, tais como os quadros de Cézanne⁴, exploram esse âmbito originário que constitui, segundo o psicanalista, o *imaginário*.

Diante do esforço de Merleau-Ponty para reaprender a ver o mundo, o mesmo se deparou com o caráter paradoxal da visão. Impregnada de visível e de invisível, a visão traz a visibilidade de algo que se põe a aparecer e o corpo como algo que se põe a ver. O mundo para ser visível exige a presença de um vidente, um sujeito que o veja, mas tal sujeito só realiza a experiência de ver se o mundo for visível para ele. Essa dupla situação colocada pela visão mostra que ver é sempre ver mais do que se vê, pois o aparecer é inesgotável e o invisível vem

⁴ No ensaio *L'oeil et l'Esprit* (1964/1992), Merleau-Ponty desenvolve um trabalho acerca da pintura, no qual mostra como cor, textura e arranjo da pintura compõem uma harmonia, uma linguagem sistemática e seu modo de idealidade. A pintura de Cézanne é referência importante para o filósofo, que põe a visibilidade como um universal, pois o impressionista não diferenciava o desenho da cor em suas obras, produzindo um desenho que nascia espontaneamente do entrecruzamento das cores, o que influencia na defesa do conceito de Carne e do ser de indivisão – Ser Bruto – em Merleau-Ponty.



sempre interligado ao visível, já que ambos são fundos que se tornam figuras e figuras que se tornam fundos, dependendo do deslocamento do corpo do vidente nas entranhas do mundo (CHAUÍ, 2002, p. 166). Logo, não há um sujeito como princípio das coisas, nem um mundo condicionante do sujeito, mas há sujeito que se experiencia como *ser-no-mundo*.

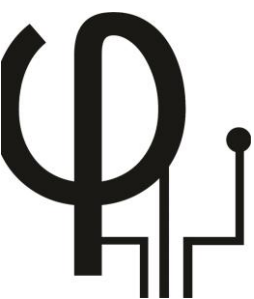
O corpo e o olhar do sujeito são elementos que o distinguem do mundo sem haver uma separação entre ambos (ASSOUN, 2001, p. 89). Essa relação corpo-mundo coloca o sujeito na condição de olhado antes mesmo de ser quem apreende com o olhar o que será visível, uma vez que, sendo verdade que o mundo o olha e que as coisas o interpelam, então, de alguma maneira, elas se conectam com os olhos, e estes asseguram o lugar do sujeito no mundo. Quando se utiliza a Carne enquanto unidade entre corpo e mundo para pensar o visível, são retirados os contornos limitantes das coisas e dos seres. Essas reflexões envolvendo o conceito de Carne e de reabilitação sensível do corpo são retomadas por Lacan para ressaltar a existência de uma visão prenhe de elementos pulsionais que antecede o olhar do vidente.

Merleau-Ponty descobre a existência de um olhar que emana das coisas e recai sobre o vidente, pois estando em meio ao visível, o vidente olha para as coisas sem jamais perder a possibilidade de ser visto. Primeiramente, somos possuídos pelo visível que está em nosso campo perceptivo; após, diante do real que revela uma situação da qual não é autor, o vidente experimenta uma passividade radical que se caracteriza como um narcisismo e que, mais uma vez, o leva a ser tragado pelo visível e a ter de suportar o ser visto pelas coisas,

daí, por que, também ele sofre, por parte das coisas, a visão por ele exercida sobre elas; daí, como disseram muitos pintores, o sentir-me olhado pelas coisas, daí minha atividade ser identicamente passividade – o que constitui o sendo segundo de mais profundo do narcisismo: não ver de fora, como os outros veem, o contorno de um corpo habitado, mas sobretudo ser visto por ele, existir nele, emigrar para ele, ser seduzido, captado, alienado pelo fantasma, de sorte que vidente e visível se mutuem reciprocamente, e não mais se saiba quem vê e quem é visto. (MERLEAU-PONTY, 1964, p. 181)

No narcisismo da visão e na passividade, o olhar do outro não apresenta apenas um invisível, mas a si próprio enquanto vidente, como Outrem (*autrui*) que não deve ser confundido com o outro como coisa que é vista. Conforme Merleau-Ponty (1960, p. 118)

[...] meu olhar tropeça, é circundado. Sou investido por eles, quando julgava investi-los, e vejo desenhar-se no espaço uma figura que *desperta* e *convoca* as possibilidades de meu próprio corpo como se se tratasse de gestos ou de comportamentos meus [...]. Tudo se passa como se as funções da intencionalidade e do objeto intencional se encontrassem paradoxalmente trocadas. O espetáculo *convida-me* a tornar-me espectador adequado, como se



um outro espírito que não o meu viesse repentinamente habitar meu corpo, ou antes, como se meu espírito fosse *atraído* para lá e emigrasse para o espetáculo que estava oferecendo para si mesmo. Sou *apanhado* por um segundo eu mesmo fora de mim, percebo outrem.

Ao experimentarmos isso, ao nos depararmos com esse olhar de outro vidente dirigido ao eu, não há necessariamente uma harmonia ou satisfação, mas uma diluição da totalidade em contingências, em que não se sabe quem vê e quem é visto. A interpretação de Lacan acerca da agudeza de Merleau-Ponty ao descrever o encontro com o real do outro enquanto vidente, foi o que o motivou nas lições de *O Seminário, livro XI*.

2 O EU E O OUTRO EM LACAN

Como o vidente e as coisas pertencem à mesma Carne, o olhar que lança sobre as coisas lhes é devolvido por elas, tal qual a pintura que o olha sem importar em qual canto da sala esteja, pois está inserido nela de algum modo que recebe sobre si certa visão (LACAN, 1964/1998b, p. 94-95). Assim, a unidade carnal faz com que a visão do vidente seja refletida sobre si mesmo. Com a premissa de que nós, enquanto videntes que somos, olhamos apenas a partir de um ponto e de que somos olhados a partir de todos, Lacan, junto com Merleau-Ponty, traz a conclusão de que somos espelhos do mundo.

Nesse sentido, para além da importância do corpo para psicanálise – os pós-freudianos não negam a relevância do elemento corporal –, há em Lacan (1948/1998a) uma referência ao corpo na gênese da subjetividade, uma vez que a formação da função do eu, no registro do imaginário, seria oriunda do *estádio do espelho*, que é um momento, uma fase no processo de subjetivação. Lacan investiga então como a visão que a criança tem de seu próprio corpo atua na formação da função do eu, através do registro imaginário, do contato escópico e especular com a imagem de seu corpo. A criança ainda não apresenta o discurso em nível simbólico para pensar e dizer algo acerca do seu corpo, mas tem a possibilidade de “reconhecer como tal sua imagem no espelho” (LACAN, 1949/1998a, p. 96). Ao ver o corpo no espelho, a criança não vê o corpo, não vê o real, ela vê a imagem do corpo, e este é o momento do nascimento do imaginário, um registro do qual se pode ter noção do eu. Não obstante, o corpo é coisa real e, por ser dessa forma, se torna infável, podendo ser apreendido quando se mostra no espelho como imaginário.



Segundo Lacan, a imagem do corpo gera uma identificação na qual, primariamente, o eu se funda e é no registro do imaginário. Nas palavras do psicanalista:

Basta compreender o estágio do espelho *como uma identificação*, no sentido pleno que análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem [...] especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de *infans* parecer-nos-á pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o eu se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito. (LACAN, 1949/1998a, p. 97)

Disso, segue-se que a linguagem, desempenhando o registro simbólico, traz de volta o registro da imagem, aquele registro do imaginário metaforizado no estágio do espelho. Porém, há um estágio anterior ao imaginário em que se apresenta uma relação especular de algo que não pode ser dito, por enquanto, como “eu”. Em tal relação especular, ocorre a reprodução daquilo que vem de fora, que vem do Outro. Com a consolidação da teoria lacaniana do imaginário, o Outro⁵, representado pelo espelho, é compreendido a partir do sentido de uma “transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (LACAN, 1949/1998a, p. 97).

Há um movimento do especular para o imaginário, uma passagem entre o eu e o Outro que está sendo visado, onde o sujeito está em situação de objeto na relação com o Outro. É também no olhar do Outro que a criança se vê: o olhar do Outro se torna seu espelho também. Porém, isso não se dá apenas na criança, uma vez que os desdobramentos do eu durante a existência passam sempre por esses registros, tendo que lidar com os arrolamentos, com os outros e com o Outro. O Outro é percebido pelo eu quando o sujeito consegue perceber a si mesmo ao se ver no espelho. Pela fissão da carne – ou pela báscula do espelho –, o eu toma consciência de si a partir do Outro, que enxerga como alteridade.

⁵ A constituição de si e do Outro são internamente vinculados ao processo do estágio do espelho. Reconhecendo-se no espelho, explica Lacan, a criança passa a se identificar com sua imagem especular. Tal reconhecimento envolve um desejo humano que é o desejo de um outro, ou seja, o desejo de ser reconhecido no desejo do outro. A constituição do desejo impõe, concomitantemente, a alteridade e a passividade diante do outro vidente. Decerto, a alteridade é percorrida durante toda a obra de Lacan, visto que ele desenvolveu diferentes perspectivas acerca das modalidades de outro: o “pequeno outro” oriundo do registro imaginário no espelho; o “grande Outro”, cujo discurso é o inconsciente que, através da linguagem, surge como registro simbólico; o objeto “a” relacionado ao registro real e causa de desejo; o “outro do laço social” estruturado pelos discursos que constituem as relações sociais; e o “Outro gozo”, Heteros, gozo feminino. No entanto, não abordaremos todas essas modalidades, a fim de especificar melhor a discussão e a relação entre os principais autores trazidos aqui.



Anos depois de teorizar sobre o estádio do espelho, Lacan encontra a perspectiva do olhar em Merleau-Ponty. O psicanalista tenta entender a pulsão de morte em Freud a partir da leitura merleau-pontyana acerca do olhar e se depara com o *olhar estranho*. Para Merleau-Ponty, o real ou olhar estranho – ou do estrangeiro – aparece no próprio tecido simbólico-imaginário sem precisar aniquilar o mesmo. Isso foi o que de fato impressionou Lacan, que se questionava: “como aproximar-se do olhar estrangeiro, o qual se impõe como um real exigindo nossa passividade, sem que isso implique uma renúncia aos nossos vínculos simbólicos-imaginários?” (MÜLLER, 2015, p. 395). E foi em Merleau-Ponty que ele percebeu que a presença do olhar não implicaria na destruição da cultura, pois

O olhar estrangeiro impõe-se a partir de si mesmo, como uma sorte de precessão, anterioridade que se doa independentemente de nosso consórcio. Mais do que isso, o olhar estrangeiro impõe-se de um modo solidário às nossas imagens e leis, o que não quer dizer, de forma coincidente e harmoniosa. O que acabou por sinalizar, para Lacan, uma outra maneira de cercania em relação ao real, a qual não exigiria - necessariamente - o conflito, o enfrentamento, a ruptura com a barreira simbólico-imaginária, conforme se havia pensado até ali. (MÜLLER, 2015, p. 395)

O olhar estranho do vidente do outro que não é o eu, apresenta-se como uma visita inesperada, vindo implicar uma certa satisfação ao eu por estar sujeitado a um olhar que não é o seu. A relação desse prazer com as pulsões faz o olhar não ser propriedade de um sujeito, mas um olhar que vem do Outro (SHEPHERDSON, 2006, p. 115). A reflexão lacaniana acerca da existência de uma satisfação do sujeito ao estar sob o olhar do Outro, acrescenta que o olhar pode conter em si o objeto “a”, isto é, o objeto que localiza uma falta (LACAN, 1964/1998b, p. 76-77). É por ter em si tal falta que o olhar que alguém dirige ao eu é capaz de desconcertar seu campo de percepção, a ponto de denunciar o real pulsional do vidente que não é o eu.

Com as análises merleau-pontyanas sobre o olhar, Lacan cria uma aproximação com as formas de pulsão tal como Freud (1905/1987) havia descrito em *Três ensaios sobre a sexualidade* – pulsões oral, anal e fálica –, agregando a pulsão da voz e a pulsão escópica. Esta última, fundamentada a partir dos escritos de Merleau-Ponty, faz-nos chegar na asserção de que o olhar carrega a força incontrolável de que se compõem as pulsões. O olhar, como órgão da pulsão escópica, é um impulso que se satisfaz com o objeto que lhe pode ser oferecido, já que o prazer advém da atividade e não do próprio objeto. Consequentemente, quando o objeto “a” se faz presente no olhar, passa a atuar como desejo. Nessa ocasião, o eu vê o olhar estranho



dirigido a si como o avesso da consciência, diretamente ligado ao *Real*⁶, que é um domínio isento de imagens e de particularizações do inconsciente, que só se concede através do desejo. Além disso, o olho também funciona como objeto “a”, na medida em que a visão nunca cede àquilo que é buscado. Por isso, “a relação do olhar com o que queremos ver é uma relação de logro. O sujeito se apresenta como o que ele não é e o que se dá para ver não é o que ele quer ver. É por isso que o olho pode funcionar como objeto a, quer dizer, no nível da falta (- α)” (LACAN, 1964/1998b, p. 102).

O que Lacan observa é que o objeto “a” guarda algo de exterior aos objetos, algo inapreensível, uma invisibilidade merleau-pontyana. No campo de experiências subjetivas, o sujeito não será inteiramente tomado pela captura imaginária (LACAN, 1964/1998b, p. 105), pois está aberto a um lugar não submetido ao eu, no qual o olhar instaura uma fratura, uma ausência. No entanto, pensando no estágio do espelho, a criança, ao mexer seus braços e pernas, ao se movimentar, faz com que o movimento seja a forma de se perceber como corpo e, em seguida, percebe-se como sujeito que se diferencia do outro que o olha. Mas mesmo esse sujeito que se percebe enquanto corpo não será o eu em sua totalidade para Lacan – nem para Merleau-Ponty, que vê o sujeito vinculado ao corpo próprio e à carnalidade do eu –, pois, se o fosse, “estaria cada um no seu canto, total, não estaríamos juntos, tentando organizar-nos” (LACAN, 1955/2010, p. 330), vivendo, dialeticamente, na intersubjetividade capturando o que nos falta.

3 O OLHAR INTERSUBJETIVO

As formulações de Lacan sobre o estágio do espelho são representantes do complexo de intrusão. O psicanalista descreve o que ocorre na subjetividade da criança quando nasce um irmão: ela o sente como um intruso que se apropria de seu lugar e vem ocupar o desejo da mãe – que representaria uma outra alteridade. Embora o eu se identifique com o Outro enquanto seu ideal, o Outro só se torna separado do eu quando for passível de conhecimento e delimitado, quando nomeado ou classificado. Desse modo, o Outro é um discurso que situa o sujeito em uma posição subjetiva a partir dos significantes que o constituem, “[...] onde as cadeias significantes do sujeito se articulam determinando o que o sujeito pensa, fala, sente e age.”

⁶ O Real é isento de imagens e particularizações do Inconsciente e é liberado a partir do gozo, do prazer de sermos espelhos do mundo. O Simbólico se refere à estruturação da linguagem que organiza o que o eu experiencia; é aquilo que nos constituirá como sujeitos. O Imaginário, por sua vez, envolve o confronto com imagens que apreendemos e assimilamos dos nossos semelhantes.



(QUINET, 2012, p. 22). Nessa alteridade do registro simbólico, encontramos o olhar estranho que constitui o eu, na medida em que apresenta outras formas de interação com o mundo, outros elementos culturais visualizados no comportamento do corpo que adentra à carne do sensível. O olhar estranho que marca a presença de Outrem enquanto tal (LACAN, 1964/1998b, p. 84) é aquilo que sustenta a função do Outro, reafirmando a alteridade como uma relação de falta e desejo.

Lacan oferece as bases para a compreensão do surgimento do eu como o produto da identificação com uma imagem ideal que é projetada no Outro. Isso ocorre em três momentos: 1) há uma indiferenciação entre o eu e o Outro; 2) desenvolve-se os contornos e delimitações entre o eu e o Outro, num transitivismo; 3) há o reconhecimento da diferença entre o eu e o Outro. Disso decorre o processo de estranhamento do eu em relação ao Outro. Diferentemente de Lacan, para o qual o olhar do Outro sempre está relacionado à situação de estranheza, Merleau-Ponty vê a experiência da alteridade como a confirmação de uma familiaridade, visto que já é experienciada no contato com as coisas. Para Merleau-Ponty (1945/1972), a apresentação de outro vidente, de um olhar estrangeiro, não é a configuração de um outro si mesmo, a qual nos impele à busca simbólica do que nos falta. O encontro com o outro traz a experiência da imbricação na Carne do mundo sem que ele precise ser buscado. Eu não sou objeto para o outro, nem ele o é para mim, pois “o olhar de outrem só me transforma em objeto se nós dois nos retirarmos para o fundo de nossa natureza pensante, se nós dois olhamos de modo inumano, se cada um sente suas ações, não retomadas e compreendidas, mas observadas como as ações de um inseto” (MERLEAU-PONTY, 1945/1972, p. 414).

Pode-se dizer que o corpo que aparece como visível carrega a consciência de outro sujeito que será visto como outra vida de consciência que vem exprimir-se nos movimentos corporais que expressam disposições de vontade, sentimentos, emoções. *Outrem* é igualmente doador de sentido, e ele está aí no mundo das visões da consciência do eu. Este sente outra presença corporal, que não é a presença do seu corpo no espelho como único ponto de partida de sentidos e significações. Essa sensibilidade só é focada quando despertada por um ato de *atenção*⁷, como diz Merleau-Ponty (1945/1972, p. 34-35), que “não cria nada”, mas faz jorrar novas percepções firmadas pela intercorporeidade.

A atenção é relevante no sentido em que permite o eu retornar às coisas despercebidas – não vistas ou não visíveis num primeiro momento –, revelando à consciência o que desde já estava ali no mundo. Quando Outrem aparece na mesma Carne de que o eu é feito, tudo

⁷ Conceito husserliano que se compreende como a tendência do eu de voltar-se para o objeto intencional.

aquilo que pertence a ele e que não era visto se realça ou se presentifica fenomenologicamente, pois a atenção descortina comportamentos que são de outra ordem, que não é própria, mas imprópria, ou seja, de outro corpo que não é o corpo vivido do eu.

Em Lacan, a gênese da subjetividade é compreendida a partir da incorporação de elementos próprios à situação social, aos conjuntos de fatores sociais que provocam e transformam a esfera subjetiva. Em relação aos laços sociais, Lacan (1992) os considerou como os impulsionadores de um esvaziamento de gozo, ao estabelecerem formas de convivência e enquadramentos. Os laços sociais, em *O avesso da Psicanálise*, são nomeados de discursos, que estão além do âmbito da fala, uma vez que “não há necessidade de enunciações para que nossa conduta, nossos atos, eventualmente se inscrevam no âmbito de certos enunciados primordiais” (LACAN, 1992, p. 11). Na *Phénoménologie de la perception*, tal subjetividade é descoberta por meio de um retorno ao pré-reflexivo, por um caminho que orienta a consciência reflexiva, antecipando os dados perceptivos em proveito do acesso corporal. Então, Merleau-Ponty se detém, dentro da obra citada, em explicar como nossa presença corporal no mundo e nossas vivências afetivas podem conferir significação ao mundo e a outrem. Indica que é na situação pré-reflexiva do cogito que o outro se dá em evidência, revelando o ser em situação, tornando possível a intersubjetividade.

É como se a consciência deixasse de focar apenas o corpo irreal que é visto no espelho e começasse a perceber corpos reais agindo de forma intencional. O olhar do eu cruza com o olhar do outro, pois ele rasga a Carne do sensível e adentra o campo perceptivo, efetuando o *quiasma* da intersubjetividade. Na experiência intersubjetiva, é que se esclarece o pertencimento do eu e do outro ao mesmo ser de indivisão, à mesma Carne.

O contato do eu com outrem apresenta o fato de que o olhar de seu semelhante não é distinto da passividade que vive frente a ele. Assim, ele percebe o Outro efetivamente ao se tornar o Outrem de alguém: “os olhares que eu deitava no mundo, como o cego tateia os objetos com sua bengala, alguém os apreendeu pela outra ponta, e os volta contra mim para me tocar por minha vez” (MERLEAU-PONTY, 1969, p. 187). O problema que Outrem vem trazer é o fim da soberania do eu, o descentramento, pois Outrem, enquanto sujeito de seus comportamentos, não é outro eu, não é *alter ego*. Assim sendo, seria possível pensar um espaço de Visibilidade onde o eu não opere, onde o “olhar se confunde com seu próprio desfalecimento” (LACAN, 1964/1998b, p. 83) ou um lugar onde o eu se dissolve (LACAN, 1964/1998b, p. 189). Pode-se entender com tal colocação que Lacan implica a proposição de Merleau-Ponty de que “esta Visibilidade, esta generalidade do Sensível em si, este



anonimato do Mim-mesmo que nós chamamos de carne [...]” (MERLEAU-PONTY, 1964, p. 181).

Na passividade da consciência, o eu é afetado por um objeto que não é um objeto igual aos demais que percebe. Há um objeto que se movimenta em meio aos outros, isto é, que realiza comportamentos aos quais não é o eu quem dá sentido. O corpo de Outrem se mostra através da sua presença carnal, e é preciso que ele seja de algum modo compreendido ou vivido pelo eu, para que sua presença seja aceita como um fato para a minha consciência. Ora, a análise da visão do Outro encontra dificuldade desde o início. Há um paradoxo peculiar à consciência constituinte. Há um olhar, entretanto, que olha para o eu e o mundo, que tanto transforma o eu em objeto quanto em uma consciência vista a partir do corpo que o vê. Este olhar pode expressar algo e, para isso, é preciso que haja uma compreensão da abertura ao outro e, conseqüentemente, da comunicação entre o comportamento do eu e o de outrem no cenário do próprio mundo, pois

Outrem não é tanto uma liberdade vista de fora como destino e fatalidade, um sujeito rival de outro sujeito, mas um prisioneiro no circuito que o liga ao mundo, como nós próprios, e assim também ao circuito que o liga a nós – E este mundo nos é comum, é intermundo – E mesmo a liberdade tem sua generalidade, é compreendida como generalidade: atividade não mais o contrário de passividade ((MERLEAU-PONTY, 1964, p. 317).

O Outro, diante do eu, seria um em-si. Porém, para ser compreendido dessa maneira, o eu teria que distingui-lo de sua consciência, no sentido de vir a pensá-lo como outra consciência que doaria sentido às coisas. Pois eu “percebo o outrem enquanto comportamento, por exemplo percebo o luto ou a cólera de outrem em sua conduta, em seu rosto e em suas mãos [...] O luto de outrem ou sua cólera nunca têm exatamente o mesmo sentido para mim e para ele. Para ele, trata-se de situações vividas, para mim de situações apresentadas” (MERLEAU-PONTY, 1945/1972, p. 409). No entanto, esse encontro pode desconcertar a constituição da identidade do eu, visto que, seja por estranhamento ou familiaridade, o eu se volta para a sua negatividade, que o olhar estranho configura. Isso não quer dizer que o âmbito simbólico-imaginário seja impossibilitado, pois o mundo da cultura nada mais é do que um parto interminável do Ser Bruto (CHAUÍ, 2002, p. 156).



REFERÊNCIAS

- ASSOUN, Paul-Laurent. *Le regard et la voix, leçons de psychanalyse*, Paris: Anthropos. 2001.
- CHAUÍ, Marilena. *Experiência do Pensamento: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FREUD, Sigmund. *Trois essais sur la théorie de la sexualité*. Paris, Gallimard, 1905/1987.
- LACAN, Jacques. *O estádio do espelho como formador da função do eu*. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1949/1998a.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1955/ 2010.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, livro XI: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1964/1998b.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Le structure du comportement*. Presses Universitaires de France: Paris, 1942/1967.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Le visible et l'invisible*. Paris: Gallimard, 1964.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *L'Oeil et L'Esprit*. Paris: Gallimard, 1964/1992.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *La Prose du monde*. Paris: Gallimard, 1969.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard, 1945/1972.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Signes*. Paris: Gallimard, 1960.
- MÜLLER, Marcos José. A esquite do olho e do olhar na arte: Lacan leitor de Merleau-Ponty. *Revista Sofia*, vol. 4, n.2, 2015, p. 393-406. DOI: <<https://doi.org/10.47456/sofia.v%25vi%25i.11135>>. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/sofia/article/view/11135>>. Acesso em: 23 abr. 2021.
- SHEPHERDSON, C. Uma libra de carne: a leitura lacaniana d'O visível e o invisível. *Discurso*, n. 36, p. 95-126, 2007. DOI: <<http://doi.org/10.11606/issn.2318-8863.discurso.2007.38074>>. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/38074>>. Acesso em: 23 abr. 2021.
- QUINET, Antonio. *Os outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012

